

Entre a denúncia e o fatalismo: natureza, sociedade e sertanejos-retirantes na literatura que evoca o Nordeste das secas

DOI: 10.36920/esa-v28n3-4

 Liduina Farias Almeida da Costa¹

Resumo: Há consenso de que, no Brasil, a literatura é uma das primeiras áreas a assimilar contribuições sociológicas europeias do final do século XIX, e sob influência do darwinismo social e de teorias deterministas tematizar a raça e o meio. O movimento conhecido como literatura regionalista foi profundamente influenciado por esses temas. Neste artigo, o objetivo é desenvolver reflexão sobre obras desse movimento literário, cujos autores se dedicaram ao tema da seca na região Nordeste do Brasil, apontando algumas de suas repercussões na constituição de uma suposta identidade nordestina. O artigo consta de duas partes. A primeira trata do Nordeste como região construída e da emergência da seca como calamidade social. Na segunda, discutimos sobre a seca nos romances regionalistas, destacando elementos discursivos que expressam relações sociais em cidades nordestinas “receptoras” de populações rurais em tempos de seca. Concluímos que as obras têm uma função denunciatória, mas deixam quase ausentes as reações de sujeitos políticos. Desse modo, ainda contribuem na reprodução de velhas imagens, como símbolos, que também impelem à estigmatização da identidade e ações políticas muito mais de permanência que de mudanças.

Palavras-chave: literatura regionalista; Nordeste; imagens da seca.

Abstract: (*Between denunciation and fatalism: nature, society and “sertanejos-retirantes” in the literature that evokes the Northeast of the droughts*). There is an agreement about the role of literature in Brazil in the assimilation of the European sociological contributions in the end of 19th century, particularly the influence of social Darwinism and Determinism on the discussions about race and context. The movement known as regionalist literature was deeply influenced by these themes. This paper aims to reflect on the works of this literary movement, whose authors dedicated themselves to the theme of drought in Northeast Brazil, pointing to some of its repercussions on the construction of an alleged Northeastern identity. The paper is divided in two parts. The first deals with the idea of the Northeast as a constructed region and the emergence of drought as a social calamity. In the second part, the drought in the regionalist novel is discussed, highlighting the discursive elements that express social relations in cities that acted as “receptors” of rural populations during drought periods. It concludes that these novels had a denunciative role, but they rarely reflect the reactions of the political subjects. They therefore contribute with the reproduction of old images as symbols that stigmatize identity and political actions much more related to permanence than to change.

Keywords: regionalist literature; Northeast; drought images.

¹ Professora Associada no Programa de Pós-graduação em Sociologia e no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: liduinafariasac@gmail.com.

Introdução

No Brasil, a literatura é uma das primeiras áreas que, juntamente à do direito e à da filosofia, irá assimilar as contribuições sociológicas do final do século XIX e com elas a priorização de temáticas como a racial e a do meio. Naquele fim de século, a constituição das ciências sociais, em contexto europeu, assimilou contribuições do modelo mecanicista de ciência e, em decorrência, propiciou a discussão entre objetividade e subjetividade no exercício de produção do conhecimento e a busca por perspectivas teórico-metodológicas. À época, literatos e intelectuais brasileiros como que atormentados pela nossa miscigenação racial espelharam-se em centros ditos civilizados do mundo, na tentativa de definir um “caráter nacional brasileiro” (LEITE, 2002). São exemplares a este respeito vários romances regionalistas, sobretudo os da fase realista e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, considerado precursor das ciências sociais brasileiras (GALVÃO, 1984; SEVCENKO, 1999). Nele, haveria não apenas “um tipo antropológico brasileiro” e sim um intrincado caldeamento de sub-raças, destacando-se o sertanejo. Este daria a impressão de um tipo antropológico invariável: “antes de tudo, um forte”, Hércules-Quasímodo que reflete a fealdade típica dos fracos, entretanto, transfigura-se diante de qualquer incidente. Centauro bronco, que tem como antítese na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos o gaúcho do Sul, que não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsicada (CUNHA, 1995).

A despeito da classificação “literatura regionalista”, podemos extrair dela um comprometimento com temas – localistas e universalistas, como talvez dissesse Rouanet (1993) – como a vida, a fome, a morte, o sofrimento e a violência, entre outros estreitamente relacionados à sociedade e à natureza, conforme discutimos na segunda parte deste artigo. A última frase de Guimarães Rosa (1986) “existe é homem humano”, em *Grande Sertão Veredas*, sugere enxergarmos em personagens centrais dos ficcionistas regionalistas não uma sub-raça forte, mas seres humanos destituídos de bens materiais e simbólicos desafiando a morte.

Como documento estético, a literatura regionalista pode cumprir “a função de denúncia que caracteriza a boa ficção” (MONTENEGRO, 1983). Nela, conforme o crítico literário Landim (1992 *apud* COSTA, 2005), o fenômeno da *seca* é considerado como fato social de grande significação, tendo em vista: a desarticulação do processo de acumulação em termos regionais e de classe; a desagregação familiar e de aglomerados humanos, sobretudo os que dependiam das culturas de subsistência; e a pressão de grupos sociais sobre o Poder Público, pela execução de políticas de assistência à população atingida.

Neste artigo, temos como objetivo discutir acerca de obras literárias classificadas como regionalistas, cujos autores se dedicaram à temática da seca em séculos passados, no Nordeste do Brasil, apontando algumas de suas repercussões na constituição de uma identidade nordestina.

Ao nos debruçarmos sobre essas obras clássicas que focaram a seca, sintonizamo-nos com a perspectiva interpretativa de Ortiz (1985) sobre o papel dos intelectuais na construção da identidade nacional. Seriam agentes históricos operadores de transformações simbólicas na realidade. Ao sintetizá-la como única e compreensível, teriam possibilitado que, por meio de reinterpretação, o Estado se apropriasse de determinadas práticas populares, apresentando-as como expressão da cultura e da identidade nacionais.

Entretanto, ao considerarmos especificidades da região Nordeste, admitimos, de acordo com Bourdieu (1989a, 1996), que a identidade é relacional, está em jogo nas lutas sociais e, nesse jogo, existe a possibilidade de manipulação, visando torná-la emblema ou estigma, como também a possibilidade de sua utilização para enfatizar a existência do grupo ou dissimulá-lo para apagar sinais reveladores de estigma. Para o autor, as manifestações sobre identidades dominadas são lutas simbólicas em torno da identidade social e resposta à estigmatização que produz um território ou região. Nestas lutas, o envolvimento dos agentes ocorre de modo individual ou coletivamente, visando à conservação ou à transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos.

O artigo tem suporte teórico e metodológico em minha tese de doutoramento em sociologia, em trabalho de releitura bibliográfica, sobretudo, de autores utilizados em sua elaboração, como também em obras literárias e revisão de publicações nossas.

No processo de escolha das obras literárias, encontramos apoio em genealogia da literatura regionalista, proposta por Landim (1992), e sua classificação em três perspectivas e fases, tais como: romantismo, naturalismo, modernismo. Entretanto, destacamos dessa genealogia as obras que nos remetem ao drama da seca, ou seja: *O Cabeleira* (1988), de Franklin Távora; *Os Retirantes* (1972), de José do Patrocínio; *A Fome* (1979), de Rodolfo Teófilo; *Luzia-Homem* (1957), de Domingos Olímpio; *A Bagaceira* (1983), de José Américo de Almeida; *O Quinze* (1997), de Raquel de Queiroz; *Vidas Secas* (1983), de Graciliano Ramos; *Gabriela Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado.

Além desta introdução, o artigo consta de duas partes e considerações finais. Na primeira parte, desenvolvemos discussão acerca da constituição sócio-histórica do Nordeste e da emergência da seca como calamidade social em contexto de desorganização da dinâmica socioeconômica da região ao final do século XIX e o desnudamento das

desigualdades e diferenças. Na segunda, discutimos sobre elementos discursivos dos romances regionalistas que expressam relações sociais em cidades nordestinas “receptoras” de populações rurais em tempos de seca, destacando elementos discursivos recorrentes, tais como: os sertanejos diante da seca; a transmutação dos sertanejos em retirantes; a dissolução da família; a insustentabilidade da propriedade privada; a fome, perda de honorabilidade, corrupção e violência instituída. Esta é representada por meio de ações de prepostos do Estado sobre os grupos sociais desalojados do seu mundo rural: os *sertanejos-retirantes*.

Seca e calamidade social no Nordeste: o desnudamento de desigualdades

Embora haja informações de ocorrências de estiagens nessa área do país desde a chegada dos portugueses, seus efeitos só adquirem mais importância política à medida que os interesses de grupos dominantes também começam a ser afetados, como no período compreendido entre 1877 e 1879, quando o Nordeste ainda não havia se constituído como região, mas emergiam as primeiras articulações simbólicas neste sentido (SILVEIRA, 1984; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1988, 1994a, 1994b; DOMINGOS NETO, 1997, 2010).

Com apoio nas formulações teóricas de Bourdieu (1989a) sobre a região, admitimos que o Nordeste não é mera invenção *ex nihilo*, não possui uma natureza essencialista, entretanto comporta especificidades objetivas, as quais nos indicam que a literatura regionalista direcionada ao fenômeno da seca pode ser mais bem compreendida ao acompanharmos a transformação desse fenômeno em flagelo social em face de alterações na dinâmica socioeconômica dessa área do país e sua constituição como região-problema e, nesta, a do *Nordeste das secas*.

O Nordeste como região construída

Em consonância com o pensamento de Said (1996), a nosso ver, o Nordeste não é mero fato da natureza nem também uma *criação* sem correspondência com a realidade. As ideias, culturas e histórias relacionadas à região têm referência nas relações de poder que se estabelecem entre grupos sociais diferenciados interna e externamente. O Nordeste, conforme diria este autor, não é apenas um mito ou um mero discurso passível de demolição mediante análises desmistificadoras.

Especificidades de natureza objetiva como condições climáticas e tipos humanos da região são apontadas desde as narrativas de viajantes europeus, a exemplo de Koster (1941), Spix e Martius (1981), ou por autores brasileiros como Capistrano de Abreu (1930), Euclides da Cunha (1995), Gilberto Freyre (1926/1976, 1941, 1961), Djacir Menezes (1995), Josué de Castro (1957, 1967), escritores *regionalistas* como José de Alencar (1965) e os

mencionados em página anterior. Conforme podemos afirmar com inspiração em Bourdieu (1989b), as descobertas dessas especificidades tiveram suporte numa *sociologia espontânea* e foram assimiladas pelo processo de *definição legítima* do Nordeste como região diferenciada, e vêm, até o presente contexto, contribuindo para sua reprodução, mediante múltiplas linguagens e pautas políticas.

Adverte-nos, entretanto, o mesmo autor: embora inexistam critérios capazes de definir regiões *naturais*; a fronteira seja o produto de uma *di-visão* a que se atribuirá maior ou menor fundamento na realidade; e no processo de regionalização determinados agentes sociais (neste caso, o Estado) tenham o monopólio da *definição legítima*, o poder de constituição de determinada *realidade* só poderia ser obtido ao término de um longo processo de institucionalização. Ou seja, a “eficácia simbólica depende do grau em que a visão proposta está alicerçada na realidade” (BOURDIEU, 1989a, p. 166).

Emerge o Nordeste das secas

Tornou-se consenso entre estudiosos, que a *seca* na região Nordeste do Brasil passa a configurar-se como problema de calamidade social depois da segunda metade do século XIX, em decorrência de fenômenos socioeconômicos como o rebaixamento de preços do açúcar, a venda de escravos para o Sul e o expressivo crescimento demográfico. Associada a estes fenômenos ocorre, segundo Domingos Neto (1997 *apud* COSTA, 2005),² a perda dos traços originais da pecuária extensiva praticada na região, sobressaindo, entre estes, a acentuada dependência dos fatores naturais para complementar a alimentação humana; vigoroso processo de formação de mercado interno; graves problemas de convívio com a agricultura e extraordinária capacidade de esgotamento das condições naturais do solo. No intuito de se reproduzir, a pecuária extensiva introduz a prática de consorciação de gado com produtos de subsistência e algodão. É nesse processo de recriação da atividade pecuária que emerge o *Nordeste das secas*.

A pecuária extensiva *nordestina* no período colonial – seu período de expansão e apogeu –, segundo Domingos Neto e Borges (1987), antecipava-se às perspectivas de riscos em decorrência de estiagens, porque fazia parte de sua dinâmica o empreendimento de retiradas periódicas do gado, em busca de *refrigério* encontrado na própria *região*.

Na ótica de Domingos Neto (2010), além de a pecuária haver representado importante contribuição para a ocupação do território brasileiro, foi uma extensão e ao mesmo tempo uma infraestrutura do empreendimento açucareiro. Tratar-se-ia de um

² Agradecemos a generosidade do autor que nos permitiu utilizar seus originais, ainda não publicados, no período em que a tese foi desenvolvida.

esforço de produção de mercadorias com características radicalmente diferentes das que marcavam a produção agroexportadora canavieira, da qual se destacava pelos seguintes aspectos: utilização de padrão técnico elementar, pouca vinculação de moeda, ausência de aglomerados urbanos, pequena diversificação da produção, relações de trabalho e, finalmente, as condições de pobreza da população dedicada a essa atividade.

Descartando ideias como as de *marasmo* e dualidade presentes nas análises acerca do *Nordeste da pecuária*, Domingos Neto (1997 *apud* COSTA, 2005) realça que a rápida expansão da atividade pecuária visava: ao atendimento das demandas dos engenhos por força de trabalho indígena e por gado, ao afastamento das tribos que preocupavam a zona açucareira e à necessidade de ocupação de todo o espaço, objetivando evitar a reorganização de comunidades nativas.

Conforme analisa esse mesmo autor, a dinâmica da *sociedade dos vaqueiros*, organizada segundo os traços originais anteriormente referidos, recriara-se ao longo do século XIX, em virtude de fenômenos como: empobrecimento dos pastos naturais, crescimento populacional, aquisição de novas percepções do espaço pelos sertanejos, mudanças nas relações de trabalho mesmo antes da Lei Áurea, como no caso do Ceará, alterações na estrutura fundiária com a redução dos domínios territoriais e multiplicação das pequenas e médias propriedades, complexificação das atividades econômicas com o desenvolvimento do comércio e de outras formas de prestação de serviços e, finalmente, a intervenção paulatina do Estado nacional no sertão (DOMINGOS NETO, 1997 *apud* COSTA, 2005).

Acrescenta ainda o autor que, diante da necessidade do estabelecimento de consórcios entre a criação de gado, o algodão e as culturas de subsistência, em face do crescimento demográfico e do número de núcleos urbanos, a *fazenda* irá absorver, também, trabalhadores que não se ocuparão do rebanho e sim de cultivos que transferirão a renda da terra para o fazendeiro. Em número elevado, esses trabalhadores ficariam sujeitos ao fenômeno da seca, conforme esclarece Domingos Neto:

[...] A expansão dos roçados foi sintoma da impossibilidade da criação de gado garantir as necessidades de uma população em crescimento. Assim, a sobrevivência econômica do fazendeiro passa a depender de sua capacidade de apropriação do excedente de roças de algodão e de uma reduzida pauta de produtos alimentares. A expansão da agricultura de subsistência ocorre paralelamente a queda de produtividade da criação de gado e da redução das dimensões da fazenda. A proliferação dos roçados leva o fazendeiro a assumir funções de comerciante, resultando na ampliação das exigências sobre os trabalhadores rurais quanto a renda da terra. Esta assume múltiplas e variadas formas, sendo a mais elementar e generalizada a do aproveitamento da roça, após a colheita, para o pasto. A novidade adotada para assegurar a sobrevivência da

fazenda de gado foi socialmente elevada: fez crescer o contingente de trabalhadores dependente de uma produção agrícola rudimentar e sem possibilidades de defesa técnica contra as adversidades climáticas. (1997, p. 64)

Portanto, a *seca*, como calamidade social, emerge juntamente com a criação de estratégias de *salvação* da pecuária extensiva, ou seja: o consórcio do gado com as culturas de subsistência e o algodão. Este último, conforme análise desse mesmo autor, embora tenha dinamizado várias cidades nordestinas, por meio da comercialização, não teria configurado *um ciclo* ou uma atividade cuja importância se ligasse somente ao mercado internacional, devido à recorrente oscilação de demanda. Sua função primordial seria a sobrevivência da pecuária, *um alento à sociedade dos vaqueiros*.

Ao emergir segundo essa dinâmica, a *seca* não seria determinante da quebra do processo produtivo da criação de gado, e sim um fator a mais colocado como a *gota d'água* na desorganização da economia vigente. Posteriormente, o fenômeno ter-se-ia expandido geograficamente para o *Nordeste Ocidental*.

A emergência do *Nordeste das secas* tem como uma das suas mais claras demonstrações a ocorrência da estiagem verificada entre 1877 e 1879 – a *seca dos três oitos*, como mostram memórias de antepassados nossos – num contexto de crise econômica, quando, em consequência da desorganização do processo produtivo, grande quantidade de sertanejos – trabalhadores/agregados e proprietários rurais/fazendeiros – até então ocupados nas atividades agrícolas de subsistência, algodão ou pecuária transmudam-se em *retirantes* ao deixar para trás essas atividades e enfrentar as agruras do êxodo rumo às cidades, principalmente as do litoral.

Contudo, não obstante a dinâmica econômica ora apresentada, admite-se que a *seca como flagelo* é também socialmente construída. Ultrapassa, portanto, o mero processo econômico. Além disso, suas repercussões e significados modificam-se em conformidade com as circunstâncias socioeconômicas e políticas de distintos períodos na região e no país.

O conjunto de alterações nas formas de sociabilidade e nos costumes cotidianos das áreas afetadas pela estiagem, o modo de deslocamento dos sertanejos carentes de alimentação em exaustivas caminhadas *de léguas e léguas* rumo a alguma cidade e o dia a dia nos abarracamentos ou campos de concentração improvisados pelo Poder Público para lhes “abrigar” nessas cidades foram captados por várias modalidades de artes. Entre estas, a literária, especialmente por ficcionistas pertencentes a correntes *regionalistas* que, antecipando-se ou em paralelo às ciências sociais, produziram *análises* de valor documental estético incontestes.

A seca no romance regionalista

Diante das mudanças socioeconômicas, ocorridas em consequência das razões anteriormente descritas, a seca irá provocar enorme êxodo rural rumo às cidades. Estas, ao se transformarem em áreas “receptoras” de *sertanejos-retirantes* serão palcos, por excelência, de desnudamento do fenômeno da pobreza e expressões de desigualdades que, entretanto, são percebidas pelo senso comum como *desordem social*.

Tais cidades convertem-se em grandes *abarracamentos* de desocupados e mendigos, os quais, carentes de condições da reprodução biológica da própria vida, *deploram* costumes e valores sociofamiliares, alimentares, religiosos e sexuais então vigentes. As elites urbanas, parte delas enriquecida com o tráfico interno de escravos, tiram proveitos econômicos e políticos da situação, mas deploram os sertanejos agora transmutados em retirantes ou mostram-se indiferentes ao seu sofrimento.

Esse panorama é protagonizado por grupos sociais em grande e visível assimetria e representado, pioneiramente, em obras literárias regionalistas que também se apoiaram no darwinismo social e em teorias deterministas.

Landim (1992 *apud* COSTA, 2005) refere-se ao fato de que, sob o ponto de vista ficcional, o fenômeno da *seca* confere uma *autonomia* à região, à medida que os escritores teriam assumido um enfoque sociopolítico de explicação do fenômeno, concebendo-o como fato social de expressiva significação. Um dos elementos já mencionados, que, segundo este autor, constituem a temática da seca nas obras de ficção consistiria em pressões sociais de grupos destituídos de seus bens em consequência da quebra do processo econômico.

Destacamos, entretanto, que os estudos de Neves (2000) tecem uma crítica a interpretações equivocadas das reações dos retirantes famintos como se fossem elas de natureza meramente espasmódica ou irracional. Para o autor, com fundamento na concepção thompsoniana de multidão, esses grupos sociais constituiriam multidões e, como tal, sujeitos coletivos políticos, cujas raízes já seriam encontradas em 1877.

Os sertanejos diante da seca

Embora os escritores *regionalistas* não afirmem que a quebra do processo produtivo decorrente da seca é determinante dos problemas presentes na sociedade rural e na urbana, uma relação de causalidade desta ordem pode ser lida nas entrelinhas de suas obras. A *seca* é tratada como uma espécie de matriz geradora de todos os malefícios sociais que atingem os sertanejos de quaisquer grupos sociais, quer sejam trabalhadores rurais de qualquer categoria, quer sejam os donos das terras, os fazendeiros. Em boa parte dos romances em tela, estes grupos aparecem nivelados socialmente pelo sofrimento e suas reações são interpretadas ambigualmente: ora como mero espectador

diante dos caprichos da natureza que lhes nega as condições de reprodução da vida, ora como herói-lutador diante da percepção de que a morte se avizinha (COSTA, 2005).

Encarada pelos sertanejos como desgraça ou sentença de morte, a seca desencadearia uma sequência de ações que seriam inerentes a uma cultura calcada na ignorância e no misticismo. Práticas populares efetivadas como adivinhações sobre o inverno consistiriam no apelo aos horóscopos populares, indicações do *lunário perpétuo*, observações aos sinais emitidos pela Natureza, como a *lua sem lagoa* a prenunciar a seca; o *ronco das guafbas* ou o *zum-zum* da itaquatiara anunciando o inverno; a experiência das pedras de sal no dia de *Santa Luzia*; e a mais decisiva de todas, a falta de chuvas no dia de São José – 19 de março (COSTA, 2005).

Essas práticas populares, todavia, são, em geral, descredenciadas nas narrativas dos escritores em apreciação e, quase sempre, (des)classificadas como superstição, ignorância ou bruxaria.

Prosseguindo, ainda com esperança, os sertanejos lutariam, bravamente, para salvar o gado, mas, perdidas as esperanças, consumiriam a venda dos últimos bens que lhes restassem, e até mesmo de pertences da família (inclusive de objetos simbólicos de caráter e valor religioso), no intuito de adquirir meios para custear a emigração e, finalmente, por-se-iam em *retirada*.

Essa brava luta é representada pela narrativa de *A Fome*, quando o autor descreve o momento em que, ao concluir que não há inverno, um fazendeiro e coronel da guarda nacional, destacado entre os sertanejos mais obstinados, se curva aos *desígnios divinos* e empenha-se, honrosamente, na luta *contra o flagelo*. Lê-se:

De alvião às costas, acompanhado dos escravos, vai dar combate. Desce à primeira cacimba, que encontra e, com coragem heróica, é quem começa o trabalho. Os alviões retalham a rocha e as pás atiram-na para longe [...]. A camada pastosa foi-se refazendo-se e em breve tocavam os ferros no dorso de uma rocha de granito [...]. Desprezado o primeiro bebedeiro, procurou outros, e assim numa luta sem tréguas com a seca, sempre vencido, assistia ao aniquilamento de seus rebanhos. (TEÓFILO, 1979, p. 6)

A obstinação em salvar o gado, porém, não seria regra geral, pois outros sertanejos, não suportando a catástrofe, poderiam até mesmo dar fim à vida, conforme representado em *A Fome*, com todo realismo:

[...] Apodrecia ali o cadáver de um homem, cujo rosto estava medonho pela decomposição. A pele cianótica se estilhava na putrefação, que fazia a cara disforme e horripilante. A fisionomia mais horrída tornava o nariz, que, diluído em uma amálgama de pus e vermes, caía sobre a boca, já sem lábios, e não cobria mais os dentes alvos e são [...]. O cadáver estava vestido de camisa e calça de algodão. O hábito, entretanto, na altura do ventre estava rasgado, e rasgado também estava o abdômen pelo cão, a

cevar-se nos intestinos e vísceras do morto. O terreno onde descansava o corpo estava revolvido. Parecia-lhe que o morto não era vítima da fome [...]. Examinava o cadáver com interesse, quando notou sinais de um crime: um suicídio por estrangulamento. O pescoço do defunto ainda apertava o mortífero laço. (TEÓFILO, 1979, p. 30)

Apesar de nas obras de ficção examinadas, às vezes, pessoas pertencentes a grupos sociais tão distintos serem igualladas pelo sofrimento diante da perspectiva da morte ou das arbitrariedades praticadas por representantes do Estado, outras vezes grupos sociais distintos – fazendeiros e trabalhadores de fazendas – também teriam reações e destinos diferenciados. Escravos conseguiriam desertar da fazenda sob o *olhar benevolente do bom patrão*, embora seu destino mais certo fosse a venda para a *indústria agrícola* do Sul, como descreve Rodolfo Teófilo.

Os não escravos tinham destino certo: transformar-se-iam, inexoravelmente, em *retirantes*, após venderem ou sacrificarem seus poucos animais, conseguidos ao longo de muitos anos com o suor do rosto e a humilhação aos patrões, como mostra narrativa de Graciliano Ramos, referente a contexto posterior. Poderiam ainda partir para o desconhecido, conforme se lê em *O Quinze*, migrando para o Sul, onde encontrariam, quem sabe, *um barracão de emigrantes*. Ou, ainda, ter o destino de migrante interno à própria região como o da *retirante* Gabriela, personagem principal de Jorge Amado em *Gabriela Cravo e Canela* que é “recrutada” para o trabalho doméstico por comerciante no chamado “mercado dos escravos” de Ilhéus – antiga região cacauzeira do estado da Bahia –, lugar onde os retirantes acampavam à espera de trabalho.

Entretanto, até o mais obstinado dos sertanejos teria como *destino certo* o êxodo, e, caso sobrevivesse durante a viagem em *retirada*, a condição de *retirante* na cidade.

O Quinze de Rachel de Queiroz ainda conserva a representação do sertanejo obstinado que, diante do prenúncio ou da consumação da seca, se utiliza de todos os meios disponíveis nas suas terras para a salvação do rebanho. Descreve a escritora:

Encostado a uma jurema seca, defronte ao Juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado [...]. Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês. (1997, p. 10-11)

Segundo a narrativa dessa mesma obra, apenas excepcionalmente, alguns sertanejos reagiriam de modos diversos, ao abandonarem o gado e os empregados das fazendas, deixando-os à mercê da sorte. É o caso da personagem dona Maroca, fazendeira *velha e doída*, conforme a ficcionista, que ordenara ao vaqueiro Chico Bento abrir as porteiras do curral e soltar o gado, caso não chovesse até o dia de São José.

A transmutação dos sertanejos em retirantes

Os protagonistas do romance *regionalista* são seres condenados às imposições de um meio ambiente hostil e avesso às necessidades humanas. Sua capacidade devastadora em *tempos de seca* é retratada por ficcionistas que realçam beleza e morbidez da natureza indiferente, personificando-a, às vezes, com traços de maldade mesmo diante dos apelos desesperados dos sertanejos aos santos protetores, em quem acreditam. Lê-se em narrativa de *Os Retirantes* sobre os atos devocionais dos sertanejos, em homenagem a São José, e, entretanto, um desfecho doloroso:

Desde dezembro uma tristeza densa como um nevoeiro, tinha empanado os espíritos [...]. Nem um suor de tempestade embaciou a atmosfera, sempre de limpidez cristalina. Começou desta data a devoção solene, mas foi inteiramente vão o apelo para o céu diante da misantropia da natureza. Os dias secos e ardentes continuavam a devastar o gado, as plantações e as pastagens, ao passo que os rios e os açudes empobreciam como fidalgos pródigos [...]. A claridade elétrica do luar, caindo então sobre a comum tristeza, parecia o olhar esgazeado de miséria a magnetizar o povoado [...]. Estava-se já em princípios de março, e a fatalidade parecia ratificar acruenza das predições [...]. Nos rostos escaveirados, a máscara da fome estagnava-lhes os olhares numa quietação comatosa [...]. O desleixo enxovalhava a mocidade, envilecia a velhice e deformava a meninice. (PATROCÍNIO, 1972, p. 23-57)

Em perspectiva semelhante, a ironia de uma natureza que mata é descrita por José Américo de Almeida em *A Bagaceira*:

[...] Os raios de sol pareciam labaredas soltas ateando a combustão total. Um painel infernal. Um incêndio estranho que ardia de cima para baixo. Nuvens vermelhas como chamas que voassem. Uma ironia de ouro sobre o azul. O sol, que é para dar o beijo da fecundidade dava a beijo da morte. (1983, p. 35)

A transmutação dos sertanejos em *retirantes* assemelha-se ao movimento de um ritual marcado por começo, meio e fim. Iniciar-se-ia com o esgotamento dos bens econômicos e a autodestituição de pertences de valor simbólico como objetos sagrados, a despedida saudosa da terra castigada e infertilizada, o início da caminhada em êxodo à luz do luar ou sob *o clarear do dia*, às vezes em grupos formados por vizinhos, às vezes somente o grupo familiar, e sua fase final, o ritual humilhante da busca por um lugar para descansar um pouco e, finalmente, por sorte, a entrada no *abarracamento* ou *campo de concentração* “organizado” pelo Poder Público em algumas cidades. A narrativa a seguir, extraída da obra de Domingos Olímpio em *Luzia-Homem* é ilustrativa do fenômeno da *retirada* e da transmutação dos sertanejos:

[...] eram pedaços de multidão varrida dos lares pelo flagelo, encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado como terra

de maldição ferida pela ira de Deus, esqueléticas criaturas de aspecto horripilante [...] trajes rendilhados de trapos sórdidos de uma sujeidade nauseante, em papados de sangue purulento de úlceras, que lhes corcomiam a pele, até descobrirem os ossos nas articulações deformadas [...] e o céu límpido, sereno [...] sem uma nuvem mensageira de esperança. (1997, p. 20)

Daí em diante estarão sujeitos ao desdém e à rejeição pela população da cidade, especialmente as elites e autoridades. Ademais, impera a violência em suas variadas formas, desde a simbólica (BOURDIEU, 1989b), expressa pelo (des)tratamento das autoridades e cidadãos em geral, até a mais explícita e instituída, representada por policiais em ação ou propostos do Estado encarregados da acintosa e abjeta forma de *assistência* aos flagelados, a qual consiste, geralmente, em punhados de farinha, em quantidades racionadas e ínfimas.

Dependentes de tais condições naturais e sociais, e em estado *famélico*, os retirantes liberariam seus instintos animais, a culminar no desmoronamento da *ordem* e na destruição dos ideais de uma sociabilidade fundada em valores morais como o respeito à propriedade privada e a preservação da família.

Diante disso, far-se-iam rearranjos muitas vezes “condenáveis” nas formas de sociabilidade, no intuito de garantir a mera reprodução biológica da própria vida ou a da família. Com a sociedade em processo de degeneração, não faltariam oportunidades para a germinação ou intensificação do banditismo ou do cangaço, conforme descrição de José do Patrocínio em *Os Retirantes*:

[...] Por que vivo assim? Por que sou malvado? Toda a gente diz; mas ninguém sabe que eu sou pai e que errei de casa em casa sofrendo quanto o diabo enjeita para um dia ver a mulher morrer a míngua na hora do parto.

– Está bom, você avexa-se com elas demais e eu quase desacoroço da vida.

– Fique certo, Virgulino, de que eu não fui convidá-los para virem comigo só para fazê-los bandidos dos Viriatos. Bandidos são todos os homens em certa hora da vida. Eu fui chamá-los para dar-lhes com que alimentar as suas famílias; tomando aos que têm e não querem dar aos que morrem à fome. Os juízes e os ricos podem nos condenar, os pobres chamarão ao que fazemos igualar as necessidades. (1972, p. 15, v. II)

Em *O Cabeleira*, primeiro romance do cangaço e obra inaugural do regionalismo, Franklin Távora desenvolve narrativa sobre a saga de um herói do mal que, apesar de ser exímio tocador de viola, passou a depender de matar para sobreviver. Fora treinado para isso, e disso vivia, como ilustra um trecho da narrativa, conforme a seguir:

Quando se divulgou que Joaquim tinha deixado a mulher [...] logo prognosticaram que ele ia estabelecer na mata virgem o seu novo domicílio. À vista de sua má índole [...] houve quem assegurasse que ele estava de mãos dadas com os facínoras de Pernambuco, de Paraíba e de Rio Grande do Norte, que ali se hominizavam. Muitos destes eram conhecidos por seus nomes e pessoas, e uma vez por outra faziam sortidas sobre os povoados, saqueavam as vendas, perpetravam desatinos, e escapavam sempre à ação da justiça, ineficaz naquele tempo [...]. A voz do povo não era senão o eco da verdade. (1988, p. 44)

Em face da impossibilidade de suprir a necessidade mais básica, a alimentação, o homem se igualaria ao animal, como percebemos na descrição de uma luta corporal pela obtenção de alimentos travada entre *retirantes* e comboieiros a serviço do Estado, responsáveis pela distribuição de farinha, onde se lê: “Travou-se uma luta tremenda, uma briga de feras esfomeadas sobre um minguaado repasto [...]. Havia ali uma multidão de homens em tudo semelhantes a uma manada de porcos esfomeados, a disputar o maior quinhão da ceva” (TEÓFILO, 1979, p. 44).

A luta do *sertanejo retirante* por alimento nem sempre ocorreria por meios violentos explícitos; podia também expressar-se como irracionalidade, ou violência a si próprio. Diante da situação de esgotamento dos alimentos costumeiramente consumidos, retirantes alimentavam-se de cardos, raízes intoxicantes causadoras da cegueira ou da morte, palmitos amargos, animais encontrados mortos em consequência da fome ou de doenças – disputados por cães e urubus – e até mesmo animais domésticos de estimação como cães e papagaios que *integravam* o grupo familiar. Encontra-se em *Vidas Secas*:

[...] Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. [...] Sinhá Vitória queimando o assento no chão [...] pensava em acontecimentos antigos [...]. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio [...]. Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. (RAMOS, 1983, p. 11-12)

Na fase de desespero em virtude da fome, ante a perspectiva de morte e total impossibilidade de adquirir alimento, os retirantes praticariam canibalismo. Atitude representada pelos ficcionistas, geralmente a partir de conotação moral ou em comparação à loucura ou animalidade. Lê-se em *Os Retirantes*:

[...] Ela fitou-o com a gula do tigre, e, gatinhando como ele, com movimentos largos, mas sem ruído, foi parar a pequena distância. Tornou-o a fitar e como se uma jibóia esfaimada se intumescesse dentro

de si, empregando toda a sua elasticidade para dar força e precisão ao bote, encolheu-se e de um salto agarrou pelos cabelos a mísera vítima, levantou-a até a altura dos lábios, cobriu-a pela última vez de beijos, como a jibóia cobre a presa de baba, e perdeu de todo a cabeça. Quando voltou aos sentidos regularmente, estava entre as mãos das pessoas que a amarravam e a conduziam à vila. (PATROCÍNIO, 1972, p. 121-122, v. II)

O limite da indignidade humana a que chegariam os *sertanejos-retirantes* expressa-se por meio da descrição da autofagia, processo característico de animais que se nutrem da própria carne, segundo pode-se ler em *A Fome*:

[...] O faminto leva a ferida à boca e, com uma avidez com que desarma e comove Freitas, suga o sangue que sai do ferimento, um sangue incolor como o dos insetos. A sucção era feita com gula infrene [...]. Nem uma gota mais vertendo do ferimento, começou a comer as próprias carnes. (TEÓFILO, 1979, p. 35)

A dissolução da família

A dissolução da família, esta concebida por alguns dos escritores *regionalistas* como célula-mãe da sociedade, estaria vinculada a várias causas imediatas: chefes de famílias originários do sertão as abandonariam, metendo-se na esbórnica da cidade; filhos desertariam do grupo familiar por não encontrarem neste qualquer perspectiva de futuro; perda da natureza maternal diante da fuga de filhos em busca de alguma possibilidade de uma sobrevivência; filhas *donzelas* seriam pressionadas pelos prepostos do Estado encarregados da distribuição de víveres a prostituir-se para ganhar a *ração* que manteria vivos, biologicamente, os membros da família.

Em síntese, a causa mais imediata é a miséria, conforme narrativa de *O Quinze* sobre uma trajetória de desagregação familiar. Chico Bento e Cordulina – o vaqueiro e sua mulher, moradores de uma fazenda abandonada pela proprietária, dona Maroca, em virtude da *seca* – perdem, paulatinamente, quase todos os filhos, à medida que a fome vai se tornando insuportável. Inicialmente é a cunhada (Mocinha) que, ainda no caminho do sertão para a cidade, se desgarra do grupo familiar para empregar-se com estranhos, caindo depois na prostituição e na mendicância. Josias, um dos filhos do casal, encontra a *paz da cova* à beira da estrada, após envenenar-se com raiz devorada para aliviar a fome também durante o trajeto da *retirada*. A ausência de compromisso do Poder Público com a vida dos retirantes pode ser percebida nas entrelinhas da descrição da morte do menino Josias antes de chegar a uma cidade que recebesse a família. Lê-se em *O Quinze*:

[...] Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais

que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para depois cair no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz. (QUEIROZ, 1997, p. 61)

Pedro, outro membro da família, desertou do grupo familiar enquanto os pais *variavam* de fome pela estrada. Nas buscas empreendidas, alguém teria visto o menino num rancho de comboieiros de cachaça. Mas a mãe, perdendo também a “natureza maternal, pensou: Talvez fosse até para a felicidade do menino. Onde poderia estar em maior desgraça do que ficando com o pai?” (QUEIROZ, 1997, p. 85).

Duquinha, também filho de Cordulina e Chico Bento, foi entregue à madrinha e protetora da família, sob forte comoção dos pais, mas mediante a racionalização de que *viraria gente*. O casal e os outros dois filhos teriam, no Sul do país, um futuro desconhecido, porém *esperançoso*: lá não veriam *seca* nem passariam fome.

[...] Iam para o desconhecido, para um barracão de emigrantes, para uma escravidão de colonos [...] Iam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas de Quixadá, e os trouxera entre a fome e mortes, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno. (QUEIROZ, 1997, p. 114)

A insustentabilidade da propriedade privada

A perda do respeito à propriedade privada, apontada pelos escritores para mostrar a desagregação da *ordem social*, em face do grau de indignidade humana a que chegavam os sertanejos diante da fome e da sede, é recorrente no romance *regionalista*, conforme representado em *O Quinze*:

[...] Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas. Agitava os braços em fúria, aos berros. – Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado! Chico Bento, tonto, desnortado, deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas. O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro. Dentro da sua perturbação, Chico Bento compreendeu apenas que lhe tomavam aquela carne em que seus olhos famintos já se regalavam, da qual suas mãos febris já tinham sentido o calor confortante. E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exânime na pedra da estrada [...] O Duquinha tão morto que já nem chorava. (QUEIROZ, 1997, p. 65-66)

A luta pela sobrevivência, ao longo de todas as etapas de transmutação do sertanejo em retirante e um mundo em destruição pelos efeitos da seca, destituiria os sertanejos de sentimentos humanos a exemplo da solidariedade e da dignidade, como na descrição de Rachel de Queiroz sobre o episódio em que Chico Bento – vaqueiro forte antes de se

transformar em *retirante* – perde o respeito à propriedade alheia ao se ver diante do único meio de salvar sua família da morte por causa da fome:

[...] Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, [Chico Bento] suplicou, de mãos juntas: – Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!...

– Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha! A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra. (QUEIROZ, 1997, p. 66)

Cenas amedrontadoras, abjetas e repugnantes denunciam as condições miseráveis dos *retirantes* no dia a dia dos *abarracamentos* ou *campos de concentração*. Por meio delas, Rodolfo Teófilo alude a um passado de fartura e a um presente de miséria em virtude da *seca*, e assim descreve o estado de animalização a que chegam os sertanejos, mesmo aqueles sob a “proteção” do Estado.

[...] à entrada do quiosque assomou um vulto escuro, caminhando lentamente como um quadrúpede. [...]. Não era um bicho, mas um homem que a fome reduzira a bicho [...]. Os dentes completos, de branco esmalte, sem lábios mais que os cobrissem, num riso perene de ironia e mofa, brilhavam em lúgubres cintilações, mais horripilante tornavam-lhe a figura [...]. Aquela nudez obscena que o delírio famélico expunha sem reboço, sem consciência, mas também sem sensualidade; à vista de um esqueleto, mas de um esqueleto com sexo o aterrava, porque ia violentar a castidade dos sentidos de Carolina [...]. As narinas dilatam-se-lhe mais, fareja, sorve o cheiro daquela carne sadia na qual tem ímpetos de saciar a fome, de rasgá-la a dentadas. (1979, p. 34)

Cenas com significados semelhantes, no entanto, explicitadoras de um submundo no qual vivem e morrem não somente os antigos trabalhadores das fazendas de gado, mas também os de outras condições econômicas que anteriormente ao flagelo da seca dispunham de um lugar social satisfatório. Descreve Rachel de Queiroz:

Mas, mesmo de fora, que mau cheiro se sentia! Através da cerca de arame, apareciam-lhe os ranchos disseminados ao acaso. Até a miséria tem fantasia e criara ali os gêneros de habitação mais bizarros. Uns, debaixo dum cajueiro, estirados no chão, quase nus, conversavam. Outros absolutamente ao tempo, apenas com a vaga proteção de uma parede de latas velhas, rodeavam um tocador de viola, um cego, que cantava numa melopéia cansada e triste [...]. E, além, uma família do Cariri velava um defunto, duro e seco, apenas recoberto por farrapos de cor indecisa. Conceição sabia quem ele era. Tinha morrido ao meio dia, e a sua gente teimava em não o misturar com os outros mortos. (1997, p. 57-58)

Fome, perda de honorabilidade, corrupção e violência instituída

A noção do perigo que os *sertanejos-retirantes* representavam para a população citadina, em razão de sua condição miserável e do rótulo de *retirante* que carregavam, seria uma justificativa do Estado para não os deixar no ócio.

Para efetivar o controle social dos imigrantes do sertão, o Estado imprimiria uma marca inaceitável à assistência pública atrelada à violência que, sequer, manifestava-se por meios sutis, como nessa descrição de *A Fome*:

Mais de mil infelizes, magros e esfarrapados, cercando à distância um comboio de víveres, pediam aos comboieiros punhados de farinha para matar a fome [...] uma retirante se aproxima destes e de joelhos apresenta o filho, uma criancinha a expirar de fome, e pede um pouco de farinha pelo amor de Deus. Uma bofetada tremenda, dada por um dos comboieiros, fá-la rolar no chão, por cima do filho [...].

– Não espanco ninguém, garanto e defendo os víveres que me foram entregues e pelos quais sou responsável. (TEÓFILO, 1979, p. 42-43)

A violência velada do Estado também é representada na literatura regionalista por meio da crítica de um personagem à obrigatoriedade dos retirantes de realizarem trabalhos extenuantes e degradantes, sob o pretexto de garantia da ordem e em troca de uma ração, cujo efeito seria apenas o prolongamento de uma vida desgraçada. O diálogo a seguir, entre personagens de *A Fome*, é ilustrativo a este respeito.

– Não acha o transporte de pedras uma medida vexatória e extravagante?

– O maior dos absurdos. Justificam-no como um meio de livrar o povo da ociosidade. A medida é desastrada [...]. Inanido, cansado da viagem, às vezes velho e doente, segue o infeliz. Alguns nem chegam, com a carga que o governo lhes pôs às costas, ao porto do destino; caem no caminho e morrem de fome, de fadiga! Os que vencem a distância são mais desgraçados ainda, porque continuam a viver uma vida de misérias, de humilhações. Duas vezes por semana dão-lhe um litro de farinha e meio quilo de carne do sul, para se alimentarem com uma família, termo médio, de seis pessoas. (TEÓFILO, 1979, p. 116)

Como expressão da face mais explícita da violência do Estado, o controle social dos *retirantes* efetivar-se-ia por meio de batidas policiais nos próprios abarracamentos, nos trajetos para o trabalho ou em outros aglomerados de miseráveis, para lhes *ensinar*. A violência policial sob a justificativa de manutenção *da ordem* é representada, emblematicamente, também em *A Fome*, conforme narrativa a seguir:

A soldadesca se aproximava mais e mais [...]. As palavras insultuosas já se ouviam perfeitamente. As mulheres tremiam de medo [...]. Os homens, envergonhados de sua fraqueza, cravavam o olhar no chão! [...]. As patas dos animais pisavam os infelizes, que a prancha do soldado lançava por

terra! Na areia rolavam, estorcendo-se, homens e mulheres, cuja epiderme, ainda coberta de cicatrizes, havia sido rasgada. Debandou-se em um instante o grupo. Os soldados continuavam a persegui-los, quando o comandante os chamou a postos:

– Basta por hoje de ensino, não faltará ocasião de surrar esta canalha. (TEÓFILO, 1979, p. 180-181)

Paralelamente a essas formas de controle social, a intervenção do Estado nos problemas ocasionados pela *seca* define-se nos romances em apreciação pela corrupção dos seus prepostos. Os *socorros públicos* destinados à calamidade seriam manipulados por agentes estatais que os administrariam de modo discriminatório, priorizando os protegidos das autoridades ou os apadrinhados de famílias bem relacionadas com as autoridades políticas ou religiosas, como descrito em *O Quinze*: “Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape” (QUEIROZ, 1997, p. 97-99).

A corrupção na forma de apropriação dos bens e serviços públicos pelos agentes estatais pode ser vista por meio do diálogo de personagens também em *O Quinze*, onde se lê:

[...]

– Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais...

Os olhos do vaqueiro luziram:

– Por isso é que ele me disse que tinha cedido cinquenta passagens ao Matias Paroara!...

– Boca de ceder! Cedeu, mas foi mão pra lá, mão pra cá... O Paroara me disse que pouco faltou pro custo da tarifa... Quase não deu interesse...

Chico Bento cuspiu com o ardor do mata-bicho:

– Cambada ladrona! [...].

– Que passagens! Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos! (QUEIROZ, 1997, p. 30-31)

Sob as patas dos animais, o alimento seria disputado de modo selvagem, depois que Freitas – personagem de Rodolfo Teófilo, descendente de família tradicional e das mais importantes do alto sertão, detentor de fortuna modesta e influência eleitoral herdadas do pai, coronel da guarda nacional transformado em retirante pela ação da seca – decidindo-se pelos famintos, lhes acorda um resto de energia.

[...] Os mais esfomeados precipitavam-se sobre a farinha com uma gula e teimosia para as quais não havia oposição possível. Eram repelidos a empuxões, a murros: caíam, mas voltavam de gatinhas, gemendo ou praguejando. [...] As turmas de famintos aumentavam e a confusão crescia sempre[...]. Pelejavam corpo a corpo. Não se ouvia o tinar de um ferro, mas percebia-se que as carnes dos lutadores eram rasgadas a dentadas. Enquanto os contendores rolavam no chão enovelados num amplexo fratricida, o sítio foi invadido pela onda que avançava, sempre, e com uma gula difícil de descrever comiam a farinha a mãos cheias. (TEÓFILO, 1979, p.44)

A miséria dos flagelados, em si mesma, justificaria a ação violenta dos agentes estatais. Não importaria a esses a posição anterior dos que se achavam sob a condição de retirante. É o caso do coronel Manuel de Freitas, o qual, apesar de zelar pela sua honra e a da família, é destituído da honorabilidade conferida pela patente, em face do empobrecimento e da identificação com a canalha de miseráveis, como se lê no diálogo entre ele e um preposto do Estado. Escreve, o ficcionista:

[...] Sem receber?! Está mentindo, velho! [...]

– O coronel Manuel de Freitas, nunca mentiu.[...].

– Soldados, lancem na rua este miserável.

– Podem até me mandar assassinar, mas não podem duvidar de minha probidade.

– Fora, velho, nem mais um pio, disse-lhe um soldado, pondo-lhe a mão no ombro [...].

– Não me toquem, repito, não posso ser conduzido por inferiores; sou coronel da Guarda Nacional.

– Conduzam, que a farda que veste é de mendigo. (TEÓFILO, 1979, p. 187-189)

Mas as perdas econômicas, de lugar social e de honorabilidade atingiam também outros sertanejos que não se distinguiam pelo título honorífico, mas gozavam do prestígio social conseguido em decorrência da posse de terras e de rebanhos de gado. Porém, a seca consumira tudo, como demonstra a descrição a seguir:

É pessoa de consideração e procedente de boa família. Dizem que deixou moradas de casa e uma fazenda no Crateús; mas essa desgraça da seca acabou com tudo e o obrigou a andar trabalhando para arranjar um bocado para comer... Ah! também já tive muito de meu e agora vivo nesta miséria [...] traçava na areia úmida figuras cabalísticas, entremeada de letras que logo apagava como se simbolizassem importunas e saudosas recordações da felicidade, para sempre perdida. (OLÍMPIO, 1997, p. 26)

A despeito de representarem a condição degradante da região e da população nordestinas, os personagens dos romances regionalistas que enfocaram a seca, de modo geral, tomam posições ambíguas diante do Poder Público. Eles tecem críticas vigorosas aos poderes locais (provincial, estadual ou municipal) e aos agentes estatais que atuam entre os flagelados, mas nunca aos poderes centrais. Excetuam-se, nesse sentido, *O Cabeleira* e *Luzia-Homem*, cujas representações expressam, não raras vezes, um Estado-pai empenhado em minorar as calamidades sociais decorrentes da natureza, embora ao mesmo tempo descrevam enfaticamente as condições de flagelo dos *retirantes* e o socorro prestado por benfeitores e protetores, “pessoas bondosas” pertencentes ou relacionadas ao clero ou a camadas sociais abastadas.

Considerações finais

Ao focar cenários expressivos dos *tempos de seca* em diversas províncias e estados membros do país integrantes da região Nordeste, os escritores regionalistas, como mediadores simbólicos, sintetizam particularidades do *Nordeste das secas* e de seus habitantes. Cumprem, assim, papel denunciatório não obstante a inspiração no darwinismo social e em teorias deterministas, retornando-as para a sociedade. Desse modo, podemos concluir que embora cumprindo esse papel, os ficcionistas terminaram contribuindo na oferta de estigmas que se agregaram a outros elementos na construção de imagens da região como área de *flagelo* e dos nordestinos como seres bizarros.

Nem mesmo Graciliano Ramos, que assume perspectiva distinta da dos demais ficcionistas em relação ao seu personagem principal, Fabiano, construiu uma imagem não degradante para representar os *retirantes*. Nesta obra, Fabiano é um ser humano totalmente destituído de condições para enfrentar a seca no seu habitat. E, sobretudo, vive mergulhado em profundo conflito de identidade devido à posição social que ocupa e à luta voraz pela sobrevivência. Tem dúvida até da sua condição como ser humano: ora duvida ser homem e se identifica como bicho, ora duvida ser bicho e se identifica como homem.

A recorrência de elementos discursivos como a seca, a miséria, o flagelo, o misticismo, a ignorância, o fatalismo, a submissão, o banditismo e o cangaço, da parte dos retirantes; ou a violência, a omissão e a corrupção do Estado por meio de agentes do Poder Público irão contribuir, de modo semelhante, na constituição e permanência de uma identidade regional estigmatizada, embora relacional, à medida que tais elementos discursivos sintetizam anormalidade e inferioridade de seres humanos contingenciados

pela natureza ou pela sociedade, que lhes tiraria qualquer possibilidade de reação orientada à mudança.

Nos romances examinados para fins deste artigo, embora entre os elementos constitutivos da seca como fato social estejam também as pressões sociais, estas são esporádicas e não se mostram suficientes como contraponto à estigmatização dos *nordestinos* e da região. Em síntese, ao retratarem as condições do meio e a miséria de populações sertanejas afetadas pela *seca*, possibilitam uma denúncia social, mas ao mesmo tempo deixam quase ausentes as reações de sujeitos políticos.

Desse modo, contribuem na reprodução de imagens, às quais, à semelhança de símbolos, também impelem a ações políticas e simbólicas muito mais de permanência que de mudanças. Falamos de grupos dominantes que, ora dissimulando os estigmas, ora simulando uma homogeneidade de interesses, ainda capturam imagens da seca formuladas pela palavra escrita, as quais, continuam sendo evocadas pelo senso comum e por segmentos hegemônicos do país, ora como estigma, ora como emblema, não obstante as posições atuais de agentes políticos da região. Diria, finalmente, como Bourdieu (1989a), que interesses poderosos e até vitais entram nessa luta, expressando a força mobilizadora de tudo o que toca a identidade.

Referências bibliográficas

- ABREU, J. C. de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1930.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino de problema à solução (1877-1922)*. 1988. 416 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. 1994. 500 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994a. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280137>. Acesso em: 6 jul. 2020.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 28, 1994b.
- ALENCAR, J. de. *O Sertanejo*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- ALMEIDA, J. A. de. *A Bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- AMADO, J. *Gabriela Cravo e Canela*. São Paulo: Livraria Martins, 1958.

- BOURDIEU, P. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989a.
- BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989b.
- BOURDIEU, P. Os ritos de instituição. In: *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.
- CASTRO, J. de. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- CASTRO, J. de. *Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- COSTA, L. F. A. da. *O sertão não virou mar: nordeste(s), globalização e imagem pública da nova elite cearense*. São Paulo: Annablume, 2005.
- CUNHA, E. da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- DOMINGOS NETO, M. *A fala do coronel: o poder no Nordeste dos vaqueiros*. Fortaleza: UFC, 1997.
- DOMINGOS NETO, M. *O que os netos dos vaqueiros me contaram: o domínio oligárquico no Vale do Parnaíba*. São Paulo: Annablume, 2010.
- DOMINGOS NETO, M.; BORGES, G. A. *Seca seculorum: flagelo e mito na economia rural piauiense*. Teresina: Fundação Centro de Pesquisa Econômica e Social do Piauí, 1987.
- FREYRE, G. *Manifesto regionalista*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1926/1976.
- FREYRE, G. *O Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- FREYRE, G. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- GALVÃO, W. N. Euclides, elite modernizadora e enquadramento. In: GALVÃO, W. N. (Org.). *Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1984.
- KOSTER, H. *Viagem pelo Nordeste do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1941.
- LANDIM, T. *Seca: estação do inferno. Uma análise dos romances que tematizam a seca na perspectiva do narrador*. Fortaleza: UFC, 1992.
- LEITE, D. M. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Unesp, 2002.
- MENEZES, D. *O Outro Nordeste: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da "Civilização do Couro" e suas implicações históricas nos problemas gerais*. Fortaleza: UFC, 1995.
- MONTENEGRO, P. P. O romance de 30 no Nordeste. In: PORTELLA, E.; CRISTÓVÃO, F.; TELLES, G. M. *et al. O romance de 30 no Nordeste*. Fortaleza: UFC, 1983.
- NEVES, F. C. *A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura, 2000.
- OLÍMPIO, D. *Luzia-Homem*. São Paulo: Ática, 1997.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PATROCÍNIO, J. do. *Os Retirantes, v. I e II*. São Paulo: Três, 1972.
- QUEIROZ, R. de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- RAMOS, G. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ROUANET, P. S. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: 1993.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVEIRA, R. M. G. *O Regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984.

SPIX, J. B. von; MARTIUS, C. F. P. *Viagem pelo Brasil através dos sertões*. Belo Horizonte: Itataia/São Paulo: USP, 1981.

TÁVORA, F. *O Cabeleira*. São Paulo: Ática, 1988.

TEÓFILO, R. *A Fome*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Como citar

COSTA, Liduina Farias Almeida da. Entre a denúncia e o fatalismo: natureza, sociedade e sertanejos-retirantes na literatura que evoca o Nordeste das secas. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 571-593, out. 2020. DOI: <https://www.doi.org/10.36920/esa-v28n3-4>.



Creative Commons License. This is an Open Access article, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License CC BY 4.0 which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium. You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made.